

Volcker afirma que endividados "terão de manter os pagamentos"

da AP-Dow Jones

O presidente do Federal Reserve Board, Paul Volcker, disse ontem em Washington que a idéia de resolver a crise criada pela dívida externa lançando-se os empréstimos pendentes em perdas — nos balanços dos bancos — é inviável.

"A pressão para a manutenção dos pagamentos é esmagadora", disse Volcker perante uma conferência patrocinada pelo Conselho de Desenvolvimento de Ultramar.

O presidente do Fed disse que já foi "comprovado" que somente no caso de raras exceções — talvez nas regiões mais pobres da África — os países credores poderiam concordar em renunciar aos pagamentos.

Volcker disse que todas as nações devedoras têm de cumprir os compromissos no tocante ao pagamento dos serviços de suas dívidas, de uma forma ordenada, se é que pretendem continuar a ter crescimento econômico e a participar de uma economia mundial aberta.

A solução da crise da dívida deveria ser alcançada através do incremento da taxa de crescimento das nações devedoras, em relação à sua carga de dívida, disse o presidente do Fed.

Neste contexto, assinalou, é evidente que a necessidade de um ajuste e de uma mudança estrutural não oferece "um caminho alternativo" para as nações devedoras. Ao contrário, tais mudanças de política são essenciais para a retomada do crescimento econômico.

Volcker devotou a maior parte de suas declarações para o papel do Banco Mundial dos anos futuros.

Neste sentido, ele advertiu os bancos comerciais a não esperarem nenhum aumento substancial nas garantias do Banco Mundial para os credores privados.

Empréstimos garantidos pelo Banco Mundial continuariam em relação ao setor público que toma o empréstimo, e não em relação à cota para o setor privado prevista pelo plano Baker, prosseguiu.

Contudo, o presidente do

Fed mostrou a esperança de que podem ser alcançados progressos nos próximos anos que revitalizarão e aumentarão os esforços do Banco Mundial para cofinanciar créditos aos países em desenvolvimento pelos bancos comerciais.

Volcker concordou com a noção exposta por um interlocutor de que havia chegado a hora de o Banco Mundial "assumir alguns riscos" em seus programas de empréstimos. "Esta é minha esperança", disse Volcker, assinalando que achava que o Banco deveria ser "prudentemente arrojado".

O presidente do Fed disse que em verdade aquela era a direção que o banco estava assumindo no momento. Ainda não foram vistos muitos resultados até agora, disse ele, mas assinalou que já está em estudo uma série de empréstimos baseados na nova linha política que pintarão "um quadro surpreendentemente diferente do Banco".

Volcker disse que, embora o Banco Mundial tenha capital suficiente para financiar tanto os empréstimos baseados em sua nova linha os projetos tradicionais de empréstimo da ins-

tuição, ele poderia enfrentar uma retração, nos anos futuros.

Embora as nações devedoras e os credores privados desejassem ver os governos credores dar um indício concreto em favor de um papel ampliado do Banco mediante o apoio a um novo aumento de capital, isto parece improvável no momento, disse o presidente do Fed. Constrangimentos políticos nos Estados Unidos e em algumas outras nações impedem que seja assumido um compromisso claro neste sentido, prosseguiu.

Naquele contexto, Volcker advertiu que existe mais ceticismo no Congresso norte-americano e entre o público em geral no tocante à oportunidade de apoiar o Banco Mundial e instituições semelhantes do que existe no Banco Cen-

tral norte-americano ou na administração Reagan.

O presidente do Fed falou das "fortíssimas pressões orçamentárias" no Congresso e observou que o apoio a bancos de desenvolvimento multilateral "não é um tema prioritário" no Congresso dos EUA.

Nas discussões sobre o caminho futuro a seguir pelo Banco Mundial, Volcker defendeu a necessidade de o banco proporcionar empréstimos adicionais destinados a dar apoio à liberalização comercial nos países em desenvolvimento. Isto, assinalou, requererá uma cooperação mais estreita entre o Banco Mundial e o Fundo Monetário Internacional (FMI) devido à necessidade de assegurar relações adequadas de taxas de câmbio nos países credores em relação a tais empréstimos.